

## **A Greve Geral da Indústria Conserveira (1922)**

O período republicano na cidade de Setúbal é marcado por uma participação popular intensa e por um elevado grau de litigância social. As perspectivas ideológicas politicamente mais radicais, com destaque para as das correntes do sindicalismo revolucionário e do anarquismo, hegemonizavam as direções das principais associações operárias na cidade. Setúbal vai ser palco de uma guerra social permanente (ou quase permanente) que se prolonga ao longo dos 16 anos do regime republicano.

A greve geral da indústria conserveira de 1922 é uma das mais duras e mais longas, prolongando-se durante quase três meses. A Associação de Classe dos Soldadores decide iniciar a greve em 18 de setembro de 1922, exigindo um aumento salarial de 40%, uma comparticipação no custo do cobre e cessação das penalizações por lata rota. No dia seguinte, as mulheres convocam plenários em várias fábricas, para discutir a sua situação e decidem aderir à greve, reivindicando aumento de salários. Os «moços», os trabalhadores das fábricas e os carregadores de peixe tomam igual decisão. No dia 20 de setembro, a greve generaliza-se a todas as fábricas de conserva da cidade.

O Administrador do Concelho pede reforços policiais e militares para poder assegurar a ordem pública. Em 23 de setembro, a Associação dos Soldadores distribui um manifesto à população em que explica o sentido das suas reivindicações. Os industriais de conserva respondem impondo o *lock-out*. Em 24 de setembro, a Guarda Nacional Republicana recebe reforços de Cavalaria e a cidade passa a ser patrulhada por estes novos elementos. Nos dias seguintes, chegarão novos reforços do Exército.

O Administrador do Concelho e o diretor do jornal *O Setubalense*, Luís Faria Trindade, por iniciativa própria, tentam mediar o conflito, promovendo uma reunião em Lisboa, na Associação Industrial Portuguesa, com os representantes dos conserveiros que, entretanto, tinham abandonado Setúbal, por considerarem

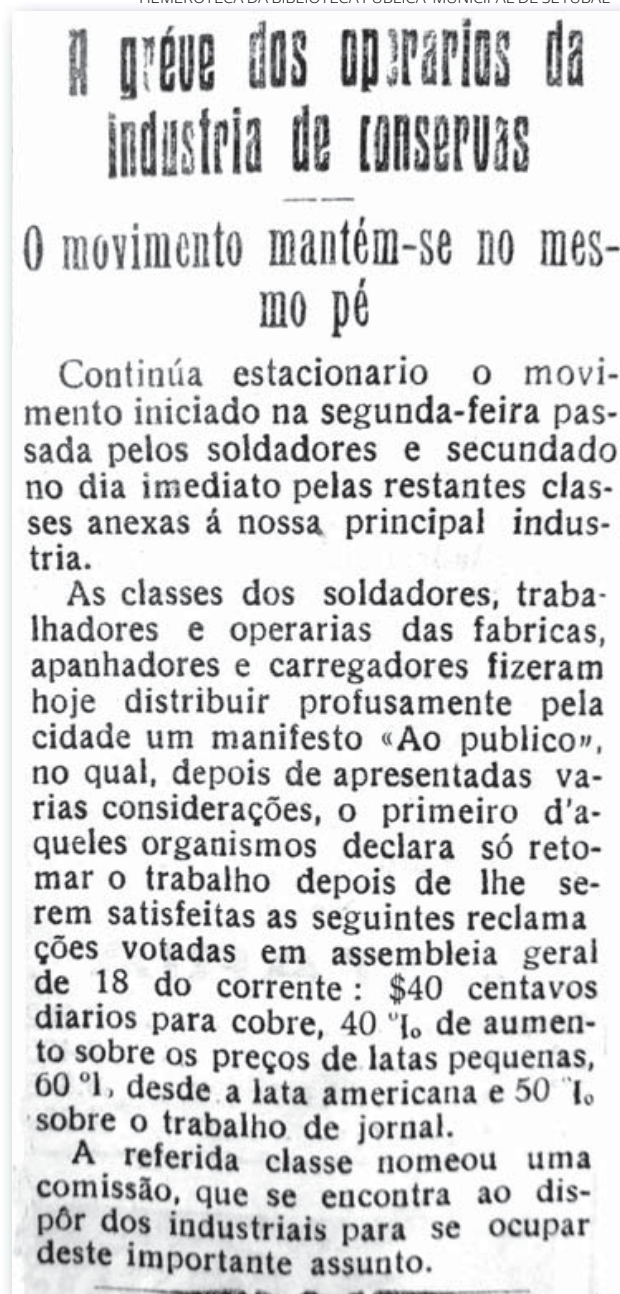
não terem condições de segurança para aqui viverem. No decurso destes esforços é apresentada, em 6 de outubro, a um plenário de todos os trabalhadores em greve, a proposta dos conserveiros. Era uma proposta bem diversa da que integrava o núcleo duro das reivindicações operárias. Concedia um aumento de 25% aos soldados, 20% aos trabalhadores e carregadores de peixe e 40 centavos por hora às operárias.

As redes de solidariedade são acionadas com frequência. De destacar o apoio em dinheiro feito por diversas coletas, quer em Setúbal, quer noutros pontos do país, para apoiar os grevistas. Os comerciantes locais também vão participar nesta onda de solidariedade, fornecendo dezenas de quilos de alimentos.

Em 1 de novembro é realizada uma nova assembleia-geral dos grevistas. Aí é reafirmada a vontade de prosseguir a luta até serem satisfeitas as reivindicações. Apesar

de a greve ter já uma duração de quase mês e meio, continuam a não existir negociações diretas entre os antagonistas. A luta radicaliza-se, com recurso a atentados bombistas, ataques à polícia e sabotagens em algumas fábricas. A greve termina, finalmente, em 1 de dezembro de 1922, depois de 75 dias de luta extenuante e ininterrupta. Os grevistas acabam por aceitar o aumento de 25% para os soldados e de 20% para os restantes trabalhadores. As restantes reivindicações não foram satisfeitas.

As consequências desta greve vão sentir-se de forma clara em toda a cidade.



Greve da Indústria Conserveira.  
*O Setubalense*, 22/9/1922

A primeira grande consequência vai ser a inversão da relação de forças a favor dos patrões conserveiros. O fim da obrigação da contratação exclusiva de trabalhadores inscritos em associações de classe foi uma das vitórias fundamentais do patronato. Outra, foi a perda acentuada da importância dos soldadores, que eram uma espécie de aristocracia operária no mundo conserveiro.

No fim do conflito, a cidade ficou esgotada, com as redes de solidariedade, que tinham sustentado esta greve cada vez mais enfraquecidas e descrentes: estamos perante uma cidade operária que lutou até cair de exaustão, numa luta em que apostou tudo quanto tinha e perdeu parte substancial da sua força anímica. **[AAC]**



### **A Barcelona Portuguesa**

**«A greve em Setúbal é por assim dizer uma situação normal, quase sempre feita com prejuízo para os patrões e dirigida por forma mais ou menos violenta, visto os seus mentores serem sempre homens recrutados, notando-se que apesar da maioria do operariado não ser anarquista, é rara a associação de classe que na sua direcção não comporte pelo menos alguns daqueles elementos. Uma greve geral aqui é de facilíssima execução, impondo-se mesmo pela forma de organização operária (...). Nas fábricas cada classe tem uma comissão de vigilância, que não deixa trabalhar quem não possuir bilhete da associação. E os patrões sujeitam-se, sob pena de greve na fábrica e a sua paralisação completa. As greves impondo aumento de salários são sempre declaradas quando as fábricas atestam de peixe e os patrões anuem desde logo aos aumentos»**

*(RELATÓRIO DO ADMINISTRADOR, 1917, 20 de abril).*

## A agonia da greve

«Deve estar prestes a cair o pano sobre o último ato da peça emocionante que vai para onze semanas se vem representando nesta cidade. A agonia de uma greve tem alguma coisa de grande e de sensível, aspetos assim de uma pesada e dolorosa catástrofe, envolvendo na mortalha da ruína milhares de famílias atingidas. De princípio escuta-se como um gemido débil do amor-próprio que se julga ameaçado. Mas a seguir a orquestração sobe de pavor à medida que o desenlace se aproxima, soando então gritos de ódio, uivos de cólera, rugidos de vingança, promessas de desforra que pouco a pouco se esbatem na lassidão resignada das coisas que não se podem evitar. Depois, por um largo período, o silêncio dos pavorosos sinistros, pesando como chumbo, abatendo as energias e aniquilando esperanças, até que num belo dia desfralda-se ao sol o estandarte da révanche e os humilhados se levantam, entusiasmados e feros, a reconquistar o prestígio perdido num momento em que o terreno foi mal escolhido por pouco apropriado para a batalha a travar» (O SETUBALENSE, 1922, 29 de novembro).

HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SETÚBAL



Greve da Indústria Conserveira.  
O Setubalense, 29/11/1922